2017

MINISTÉRIO DA CULTURA

BRASIL GOVERNO FEDERAL

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES funarte

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

RIO DE JANEIRO
Theatro Municipal
Sala Cecília Meireles

DE 23 A 29 DE OUTUBRO
segunda, 23 de outubro às 19h
de 24 a 28 de outubro às 19h
domingo, 29 de outubro às 17h

Presidente da República
Michel Temer

Ministro da Cultura
Sérgio Sá Leitão

Fundação Nacional de Artes / Funarte

Presidente
Stepan Nercessian

Diretor Executivo
Reinaldo Veríssimo

Diretor do Centro da Música
Marcos Souza

Coordenadora de Comunicação
Camilla Pereira

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

RIO DE JANEIRO
Theatro Municipal
Sala Cecília Meireles

DE 23 A 29 DE OUTUBRO DE 2017

Ministério da Cultura
Fundação Nacional de Artes / Funarte

Apoio
Academia Brasileira de Música
Rádio MEC
Programa Partituras/ TV Brasil
Universidade Federal Fluminense/ UFF
Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES/ FUNARTE

CENTRO DA MÚSICA/CEMUS

Direção
Marcos Souza
José Schiller

Produção
Flávia Peralva Pinheiro
Tatiane de Santana Ribeiro Lins

Assistentes de Produção
Alexandre Raine e Silva
Luiz Carlos da Silva
Orlando da Motta Ramos
Ricardo Rodrigues de Carvalho
Vanderci Lins de Oliveira

COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO

Divulgação
Camila Pereira
Livia Gomes
Marcelo Mavignier

Revisão
Luzia Amaral
Márcia Cotrim

Design gráfico
Paula Nogueira

Produção gráfica
Julio Fado

CENTRO DE ARTES CÊNICAS

Mídias sociais
Camilo Bousquat Árabe

APOIO EXTERNO

Curadoria e Parceria
Academia Brasileira de Música

PRÊMIO FUNARTE DE COMPOSIÇÃO CLÁSSICA 2016

Comissão de Seleção
Alexandre Eisenberg
Aloysio Fagerlande
Antônio Ribeiro
Daniel Serale
Didier Guigue
Dimitri Cervo
Eli-Eri Moura
Fernando Pereira
José Augusto Mannis
Kátia Balloussier
Roberto Duarte

Colaboradores
Alexandre Schubert
Bryan Holmes
Daniel Serale
Marcos Lucas
Marcos Nogueira

Assessoria de Imprensa
Coringa Comunicação
Marcus Veras

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

23 a 29 de outubro de 2017

Desde sua estreia, a Bienal de Música Brasileira Contemporânea vem ampliando a visibilidade e abrangência da produção musical brasileira. Estreou como uma mostra do que havia de atual na música de concerto. Em edições subsequentes, introduziu um concurso para novos compositores, seleção dos participantes por edital e também a encomenda de obras. Nesta configuração, passou a apresentar exclusivamente peças inéditas, compostas especialmente para o próprio evento. O repertório deste ano é composto de peças comissionadas de 15 compositores convidados, e de outros 46 contemplados no edital.

O compromisso da Bienal é refletir e estimular todas as manifestações da música brasileira de concerto contemporânea, em sua diversidade estética, de linguagens, meios e formações. Estão presentes obras da música orquestral à eletroacústica em diversas combinações. Algo que só tem sido possível fazer com a adesão generosa dos compositores e intérpretes que sempre participaram com entusiasmo. E com o apoio fundamental da Sala Cecília Meireles, Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Escola de Música da UFRJ, Instituto Villa-Lobos da Unirio, Escola de Música Villa-Lobos, Museu Villa-Lobos, Orquestra Sinfônica Nacional da UFRJ, e todas as instituições que de alguma maneira viabilizaram a Bienal em suas edições anteriores.

Renovamos a homenagem a compositores ou nomes expressivos no cenário da música brasileira de concerto. Este ano, serão três homenageados: o compositor Sérgio Roberto de Oliveira, *in memoriam*. Além do legado de peças que compôs, foi integrante do grupo Prelúdio 21, que mantém há décadas uma agenda de concertos mensais que mobilizam nossos conjuntos e solistas, oferecendo uma série estável ao calendário musical do Rio de Janeiro. O estúdio A Casa reflete seu compromisso com a música brasileira, tendo gravado não somente obras de compositores contemporâneos, como lançado, em alguns casos pela primeira vez, peças de diversos compositores e obras relevantes de nossa história; o Embaixador Vasco Mariz, historiador e musicólogo, pesquisador da música brasileira. É o autor brasileiro de maior produção sobre o tema, com 56 livros publicados, mais do que uma contribuição, uma referência essencial para o estudo e a memória do processo de construção de nossa

identidade cultural e musical. Ocupou a cadeira 40 (cujo patrono é Mário de Andrade, uma ligação eloquente entre dois musicólogos fundamentais) da Academia Brasileira de Música; e Flávio Silva, igualmente estudioso e pesquisador de nossa produção musical, cujo nome e atuação estão vinculados decisivamente às Bienais de Música Brasileira Contemporânea, tendo sido Coordenador de Música de Concerto, do Centro da Música da Funarte, até o início do ano corrente. E foi essencial para viabilizar, ainda, esta XXII Bienal. Sem ele, muitos dos desafios para garantir este evento talvez não fossem superados.

Outro ponto a ser destacado é a parceria da Funarte, através do Cemus, com a Academia Brasileira de Música. Em cada edição, esta colaboração vem se ampliando e estamos criando moldes que apontam para uma renovação das futuras Bienais. Considerando não somente uma participação maior da ABM, como também uma discussão sobre a possibilidade de promover os ajustes que renovem o compromisso e a amplitude da Bienal com o momento atual.

Acreditamos que o público terá a oportunidade de conhecer, mais uma vez, uma mostra significativa da produção atual da música brasileira e da criação, sempre em processo, de nossa música de concerto. Bom proveito.

José Schiller
Centro da Música/Funarte/MinC

A Bienal pela Academia Brasileira de Música

A Bienal de Música Brasileira Contemporânea é um dos mais importantes eventos artísticos do país. Idealizada pelo maestro Edino Krieger, após o sucesso das duas edições do Festival de Música da Guanabara (1969/70), recebeu o apoio decisivo da Sala Cecília Meireles, à época dirigida por Myriam Dauelsberg, que se responsabilizou pelas três primeiras edições (1975/79), com o apoio do Ministério da Educação e Cultura e da Fundação Nacional de Artes – Funarte. As edições de IV a VII (1981/87) tiveram suas organizações compartilhadas entre a Funarj e a Funarte, até que, em 1991, a fundação federal assumiu sua organização, a estadual se tornou apoiadora, e a Sala Cecília Meireles foi o principal espaço para a realização dos concertos. A Academia Brasileira de Música orgulha-se do apoio que proporciona ao evento desde a XI edição, em 1995.

A Bienal apresenta um amplo painel da criação musical contemporânea em nosso país, com obras de variadas orientações estéticas. Ao longo de mais de quatro décadas, experimentou diferentes formatos e critérios de seleção de compositores e obras. Se em sua origem foi concebida como uma mostra da produção mais recente dos principais compositores brasileiros ou residentes no país, com seleção através de curadoria artística, mais recentemente, adotou o critério das encomendas e do concurso, apresentando exclusivamente obras inéditas. O mesmo se deu com as fontes de financiamento. A Bienal já contou com o apoio de empresas, públicas ou privadas, através de patrocínio incentivado. Foi também contemplada com recursos do Fundo Nacional de Cultura ou mesmo exclusivamente custeada pelo orçamento do Ministério da Cultura.

Em 2017, as dificuldades enfrentadas para viabilizar a XXII Bienal nos obrigam a refletir mais uma vez sobre o formato, critérios de seleção e financiamento do evento. A reflexão é fundamental para garantirmos sua continuidade, o espaço do compositor brasileiro, da música contemporânea e dos intérpretes que a ela se dedicam. A Academia Brasileira de Música, como órgão técnico-consultivo do governo federal, está disposta a enfrentar o desafio e a contribuir para o debate.

Por fim, é preciso aqui registrar o empenho dos dirigentes e servidores da Funarte em garantir o pagamento dos compositores e os recursos, ainda que diminutos, para que o evento não sofresse descontinuidade. Ao mesmo tempo, se faz necessário aplaudir e agradecer a todos os intérpretes que, mesmo em condições adversas, garantiram, com sua arte, total envolvimento e dedicação à execução das obras.

Longa vida à Bienal de Música Brasileira Contemporânea!

André Cardoso
Presidente da Academia Brasileira de Música

IN MEMORIAM

Sérgio Roberto de Oliveira
compositor (1970-2017)
Olivier Toni
compositor (1926-2017)
Embaixador Vasco Mariz
musicólogo (1921/2017)

HOMENAGEM ESPECIAL

Flávio Silva
Estudioso e pesquisador de música clássica, pelas 21 edições anteriores da Bienal de Música Brasileira Contemporânea sob sua coordenação, com trabalho cuidadoso.

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Theatro Municipal do RJ **segunda, 23 de outubro às 19h**

I

Ernani Aguiar — *Abertura "Minas Gerais"**

Ronaldo Miranda — *Transfigurações**
flauta solo: Rubem Schuenck

Liduino Pitombeira — *Concerto para piano e orquestra nº 2**
I – *Sério;* II – *Dolente*; III – *Animado*
piano: Maria Di Cavalcanti

II

Paulo Costa Lima — *Tempuê**

Eli-Eri Moura — *Prismas**
fagote solo: Aloysio Fagerlande

Marlos Nobre — *Preambulum e Toccata para orquestra, op. 126**

Orquestra Sinfônica Nacional / UFF
regente: Tobias Volkmann

Obras em estreia mundial: *encomendadas pela Funarte em 2016

Ernani Aguiar – *Abertura "Minas Gerais"*: é uma homenagem à minha Minas, católica, romântica, republicana e libertária. É dedicada ao patrono Lobo de Mesquita e ao amigo e confrade Flavio Silva.

Ronaldo Miranda – *Transfigurações*: foi composta em 2016, por encomenda da Funarte, para a XXII Bienal de Música Brasileira Contemporânea. Em um único movimento, a obra começa com uma cadência da flauta solista, que conduz o discurso sonoro a um vigoroso *tutti* orquestral. A partir daí, começa o diálogo entre a flauta e o conjunto sinfônico, alternando atmosferas líricas e lúdicas, em texturas que se transformam progressivamente.

Liduino Pitombeira – *Concerto para piano e orquestra nº 2: a obra em três movimentos — Sério, Dolente, Animado* — dedicada à sua esposa, a pianista Maria Di Cavalcanti, é construída a partir de materiais sonoros que se interconectam, ora de maneira rigorosamente planejada, ora de maneira livre. O rigor na arquitetura da obra e a complexidade dos materiais se diluem gradualmente à medida em que os movimentos são apresentados, indo de um uso mais sistemático de sonoridades mais densas até um uso mais intuitivo de elementos mais tradicionais.

Paulo Costa Lima – *Tempuê*: trata-se de uma narrativa com interferências. O primeiro gesto da obra é uma pequena oferenda, como se o protagonista compositor marcasse ali um certo significado e abandonasse para seguir seu caminho. Mas, qual nada, a oferenda retorna e retorna, ressignificando tudo, e o caminho-narrativa vai ficando cheio de encruzilhadas, dando origem a idílios, *scherzi* e *finale*. O que se canta nessa obra é um canto de risco e de afirmação - que os andamentos saltitantes concatenam, e muito dependem disso. É também um mergulho de simbiose entre a lógica musical "deles" e a nossa, embora possa haver mais de uma resposta para quem são eles e quem somos nós. Exercício de pertencimento ou despertencimento, grito de luta ou de carnaval. Siga *Tempuê* seus passos dançantes.

Eli-Eri Moura – *Prismas para fagote e orquestra*: a peça foi concebida como uma emulação de feixes de luz, simbolizados pela música do fagote solista, que ao incidirem e atravessarem diferentes e hipotéticos prismas – incorporados pelos diversos *tuttis* orquestrais – resultam em múltiplas refrações, propagações e transformações.

Marlos Nobre – *Preambulum e Toccata para orquestra, op. 126*: foi escrita por encomenda para a Bienal de Música da Funarte 2017. Nesta obra, continua a trabalhar com a técnica do total cromático que vem desenvolvendo nos anos recentes. Esta técnica nada tem a ver com os processos seriais nem dodecafônicos, nem qualquer outro em uso na composição contemporânea. Não parte de anotações prévias de séries cromáticas nem nada pelo estilo. Podemos somente dizer que utiliza o total cromático de acordo com uma visão pessoal, pois o compositor acredita que ainda tem muito a explorar na utilização do universo do cromatismo total. *Preambulum e Toccata* está escrita em duas partes interligadas: o *Preambulum* tem como ideia básica as notas do nome B.A.C.H. (sib, la, do si) que são transformadas de forma contínua e consequente. O clima é etéreo, evocativo e às vezes violento. A 2ª parte, *Toccata*, explora cromaticamente o virtuosismo dos grupos orquestrais individualmente (cordas, madeiras, metais e percussão), em uma espécie de "delírio sonoro", onde o cromatismo atinge uma função construtiva e ao mesmo tempo delirante. A percussão assume um espaço de igual relevo em relação aos demais grupos orquestrais.

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Sala Cecília Meireles — terça, 24 de outubro às 19h

I

Luciano Leite Barbosa — *Chromaticity***
Cron Ensemble - flauta: Felipe Marateo; clarineta: Marcos Passos; trompa: Waleska Beltrami; trompete: Leandro Taveira Soares; trombone: João Luiz Areias; violino: Taís Soares; viola: Rúbia Siqueira; contrabaixo: Claudio Alves; percussão: Paraguassú Abrahão.
regente: Marcos Nogueira

Caeso — *Custom***
percussão: Rodrigo Foti e Lourenço Vasconcellos

Willian Billi — *Evocação Escarlate***
flauta: Geisa Felipe; marimba: Léo Sousa

Oiliam Lanna — *Vitrais**
Cron Ensemble - flauta: Felipe Marateo; clarineta: Marcos Passos; violino: Taís Soares; violoncelo: Janaína Salles; piano: Tatiana Dumas; percussão Rafaela Calvet e Eliézer Alves.
regente: Marcos Nogueira

Marcos Nogueira — *Memória***
I- *Imagem*; II- *Só/Único*; III- *Som*
Cron Ensemble - barítono solo: Eládio Pérez González; flauta: Felipe Marateo; clarineta: Marcos Passos; violino: Taís Soares; viola: Rúbia Siqueira; violoncelo: Janaína Salles; piano: Tatiana Dumas; percussão: Rafaela Calvet. Coro Boca Que Usa
regente: Marcos Nogueira

II

Igor Maia — *Etude-caprice: Black Mesa***
viola: Rúbia Siqueira; violoncelo: Janaína Salles.

Gustavo Bonin — *Meu Tio Iauaretê***
flautas: Eduardo Monteiro, Afonso Oliveira e Felipe Marateo
vibrafone: José Augusto Lacerda

Luã Almeida — *Inconstâncias***
Cron Ensemble - clarineta: Marcos Passos; fagote: Jeferson Souza; violino: Taís Soares; violoncelo: Janaína Salles; vibrafone: Rafaela Calvet.

Patrícia De Carli — *Quebra-Cabeça***
Cron Ensemble - flauta: Felipe Marateo; clarineta Marcos Passos; trompete: Leandro Taveira Soares; piano: Tatiana Dumas; violino: Taís Soares; violoncelo: Janaína Salles; percussão: Ana Letícia Barros e Paraguassú Abrahão.
regente: Marcos Nogueira

Aylton Escobar — *Behind blinded bars**
Coro Masculino Boca Que Usa
flauta: Eduardo Monteiro; clarineta: Cristiano Alves; violino: Fernando Pereira; viola: Rúbia Siqueira; violoncelo: David Chew; contrabaixo: Claudio Alves; piano: Midori Maeshiro; percussão: Rodrigo Foti.
regente: Aylton Escobar.

coordenadores: Marcos Nogueira e Daniel Serale

Obras em estreia mundial:
*encomendadas pela Funarte em 2016
**vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2016

Luciano Leite Barbosa – *Chromaticity*: em português, significa cromaticidade, que é a qualidade da cor de um objeto, independente da luz ou brilho do mesmo. O foco da composição está na cor musical, na textura e no timbre. A peça é iniciada com um objeto complexo – um ataque repentino seguido de gestos rápidos. Em seguida, uma massa ruidosa surge aos poucos, constituída por ruídos do arco *overpressure* nas cordas e intensa movimentação nos sopros. Ao longo da composição, esses dois ambientes sonoros – ataque seguido de gestos e massa ruidosa – se alternam, a cada vez com uma configuração diferente, com uma instrumentação distinta, com uma nova cor. O objetivo é convidar o ouvinte a apreciar as variações dos mesmos objetos, comparando diferentes versões do mesmo fenômeno.

Caeso – *Custom*: para o compositor, a obra tem "influências como solos de bateria em gêneros como rock e free jazz, composições como *Ionization*, de Edgard Varèse, e marchas e fanfarras tradicionais de bandas marciais, essa obra apresenta um fluxo constante e (quase) ininterrupto de muito groove - ou não".

Wilian Billi – *Evocação Escarlate*: esta obra foi concebida sem a pressuposição de um título como "roteiro" de sua construção e, por consequência, sem um "guia de escuta" sugerido a partir dele. Uma frase atribuída a Victor Hugo expõe, segundo o compositor, a razão pela qual a obra musical não necessita de um título: "Música expressa o que não pode ser dito em palavras e que não pode ficar em silêncio". Mesmo sem um "título guia de escuta", a obra precisa ser identificada. Para isso, um título suficientemente vago não possibilita evocar "expectativas de escuta". Acredita que o título atribuído a esta obra possui essa indistinção. Ele foi sugerido por um amigo, o poeta Israel Azevedo.

Oiliam Lanna – *Vitrais:* foi concebida para grupo de câmara – flauta, clarineta, violino, violoncelo, piano e percussão. O título sugere impressões que perpassam a obra e lhe dão forma: luzes, transparências, cores, desenhos, silêncio, leveza, profundidade...

Marcos Nogueira – *Memória* (Texto poético de Eládio Pérez González): a obra, composta em 2016, tem origem em três poemas que intitulam suas partes: I-*Imagem*, II-*Só/Único* e III-*Som*. Ao percorrer os versos que compõem este labirinto poético, o ouvinte se vê emaranhado numa teia de sentimentos que referem o tempo, sua passagem, o encontro e a solidão; o som que ressoa o tempo e o tempo que já é espaço: memória. A figura musical em moto-contínuo, que permeia todo o percurso, dialoga e subjaz ao encantamento da placidez e do imobilismo, representados por painéis sonoros que emergem vigorosos e se dissipam abruptamente. O ouvinte poderá experimentar a força emocional e formal dos movimentos tonais, tímbricos e texturais que dominam a narrativa da obra, mas se puder deixar as múltiplas vozes lhe apresentarem aquela narrativa, talvez possa experimentá-la em sua plenitude.

Igor Maia – *Etude-caprice*: *Black Mesa:* a obra, para viola e violoncelo, é um estudo virtuosístico que propõe extrapolar as fronteiras das práticas instrumentais ao mesmo tempo que procura novas sonoridades e combinações timbrísticas. Esta obra, faz uso de materiais contrastantes e sonoridades complexas como, por exemplo, o uso de *glissandi* de harmônicos naturais. Além de técnicas modernas, o trabalho possui elementos mais tradicionais como uma melodia que se desenvolve lentamente em forma de *hoquetus*. A composição foi inspirada nas pinturas das paisagens do Novo México da artista americana Georgia O'Keefe, daí o sub-título *Black Mesa*. Este *Etude-caprice* relaciona-se com a tradição impressionista, sendo também uma resposta pessoal à experiência com a obra de O'Keefe.

Gustavo Bonin – *Meu Tio Iauaretê*: é uma peça baseada em um conto de Guimarães Rosa de mesmo nome, onde um onceiro conta sua história para um viajante que ali parou, e ao longo desse processo ele lentamente vai se transformando em onça. O conto é todo percorrido por expressões de línguas de matriz tupi e de algumas línguas africanas, e quanto mais se aproxima do fim do conto – a hora da metamorfose do onceiro –, mais presente essas outras línguas estão. A música segue esse crescente de presença do código verbal na peça, portanto os intérpretes vão aos poucos "virando onça".

Luã Almeida – *Inconstâncias*: o material que compõe a música traduz a maneira pessoal e mutável do olhar de um compositor, quase sempre instável, sobre os mais diversos aspectos da vida. O resultado dessa junção apresenta uma obra de imersão no mais profundo e intenso ser. Segundo o compositor, ainda que seja a representatividade de um caminho e não a conclusão de um olhar, *Inconstâncias* é um momento de inquietude apresentado em música.

Patricia De Carli – *Quebra-Cabeça*: a ideia geral foi utilizar um mesmo material musical sob diversos pontos de vista de orquestração. Cria diferentes possibilidades musicais a partir da utilização de poucos elementos. Em sua primeira parte, a busca de uma homogeneidade orquestral, a partir de contornos melódicos se sobrepõem, cria uma identidade timbrística. Aos poucos, esta identidade se dissolve e se exprime de modo a criar uma escrita de coloração mais heterogênea, trabalhada por meio de diversos planos sonoros. O trompete é um instrumento-chave da peça, por ser o único instrumento do naipe de metais presente na peça. Sua aparição ocorre, seja de maneira integrada ao *ensemble*, seja de maneira destacada, explorando também efeitos de ressonância.

Aylton Escobar – *Behind blinded bars:* o compositor esclarece que – sem oferecer quaisquer indicações cênicas nem claramente colocar personagens em ação (porém tampouco descartar tais possibilidades), sem se servir de um libreto previamente organizado como peça teatral –, essa pequena cantata toma excertos da volumosa obra de Oscar Wilde, em verso e prosa, no idioma original. Para reordená-los segundo critérios subjetivos, ao modo de um episódio dramático: insone, humilhado e acossado por fantasmas, o poeta vive seu rito de dor na noite do cárcere – a sua coroa de mirto. A escrita dessa obra musical é simples: prefere a expressividade à grande complexidade. Como Wilde afirmou certa feita: "Resumi todos os sistemas em uma frase e toda a existência em um epigrama". O texto destaca vários escritos que o poeta encarcerado só podia assinar com um destoado e fosco C33.

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Sala Cecília Meireles — quarta, 25 de outubro às 19h

I

Marcos Lucas — *Ricercare***
violino: solo Ayran Nicodemo

Edino Krieger — *Cadência para dois violoncelos**
Duo Santoro - violoncelos: Ricardo Santoro e Paulo Santoro

Sérgio Roberto de Oliveira — *Aos Santos Oro*****
Duo Santoro - violoncelos: Ricardo Santoro e Paulo Santoro

Mauricio Dottori — *Glaciers, soleils d'argent, flots nacreux, cieux de braises***
flauta: Sergio Barrenechea; viola: João Senna;
harpa: Vanja Ferreira

Tauan Gonzalez Sposito — *Introspecções II***
fagote: Elione Medeiros; flauta: Rômulo Barbosa;
violino: Ayran Nicodemo; harpa: Vanja Ferreira

João Isaac Marques — *Se eu me esquecer de Ti, Jerusalém***
voz feminina: Doriana Mendes; harpa: Vanja Ferreira;
violoncelo: Claudia Grosso; contrabaixo: Natália Terra

Guilherme Bertissolo — *Fumebianas Nº 2***
flauta: Sergio Barrenechea; clarineta: Cesar Bonan; violão: Fabio Adour;
piano: Lucia Barrenechea; violino: Ayran Nicodemo; viola: João Senna; violoncelo Pablo de Sá; contrabaixo: Larissa Coutrim; harpa: Vanja Ferreira
regente: Alexandre Schubert

II

Santiago Beis — *Endomysium***
Quarteto Brasiliana - violinos: Willian Isaac e Daniel Passuni; viola: Samuel Passos
violoncelo: Paulo Santoro

Caio Facó — *Gesualdo***
Quarteto Brasiliana - violinos: Willian Isaac e Daniel Passuni; viola: Samuel Passos;
violoncelo: Paulo Santoro
contrabaixo: Alexandre Brasil

Luigi Antonio Irlandini — *Peace, my heart***
Coro Boca Que Usa
regente: Danielly Souza

Alexandre Schubert — *Memento Mori***

Marco Feitosa — *Missa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida***
Coro Madrigal Contemporâneo
regente: Danielly Souza

coordenadores: Marcos Lucas e Alexandre Schubert

Obras em estreia mundial:
*encomendadas pela Funarte em 2016;
**vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2016;
*** *in memoriam*

Marcos Lucas – *Ricercare*: foi composta em 2016, e dedicada ao violonista Ayran Nicodemo, para apresentação na XXII Bienal de Música Brasileira Contemporânea. A obra segue a ideia básica da forma do *Ricercare* barroco, ou seja, a da busca e pesquisa - às vezes em caráter improvisatório - por um tema, gesto musical, colorido, ritmo, textura ou tonalidade. Um pequeno tema de 14 compassos abre a obra; seguem-se então seis variações que acrescentam, distorcem ou "liquidam" a mesma, explorando principalmente aspectos texturais e timbrísticos.

Edino Krieger – *Cadência para dois violoncelos*: encomendada pela Funarte para a XXII Bienal de Música Brasileira Contemporânea, e composta em 2016, é dedicada ao Duo Santoro, pelo transcurso dos 20 anos de suas atividades. Como seu título indica, é uma obra de caráter virtuosístico, improvisatório, num diálogo realizado com liberdade, em que estruturas rítmico-melódicas se sucedem em tempo livre, sem indicação de compasso.

Sérgio Roberto de Oliveira – *Aos Santos Oro*: *in memoriam* do compositor falecido em 2017: "Conhecendo os meus amigos Santoro e seu bom humor, o trocadilho foi inevitável. Se a obra era para eles e para os Santos: "Aos Santos Oro". Apesar da brincadeira do título, uma obra muito séria, imbuída de um sentimento pela tradição da música e por uma religiosidade profunda. O primeiro movimento, *Fuguetta*, rende homenagens à tradição do contraponto e fuga dos grandes mestres da(s) Igreja(s). É certamente um dos momentos mais técnicos de todo o meu catálogo de composições: precisava honrar os Santos de uma forma que eles entendessem. E estar no campo de Palestrina e Bach não é moleza... O segundo movimento, *Oração*, é bastante lírico e dramático. Me coloco de joelhos diante do divino – pouco importa de qual religião – pedindo minha cura. A linha do violoncelo dois é uma versão contemporânea (totalmente distorcida) do Prelúdio da Suíte Nº 1 *para violoncelo de Bach*. A linha do 1º violoncelo é totalmente serial. O terceiro movimento, *Júbilo*, é uma previsão leve e otimista do momento da minha cura completa – em todos os campos da minha vida. É um frevo – minhas raízes na música popular afloram – e possui um breve momento bem humorado da inclusão de uma *Tarantela*, para lembrar que os Santos em questão vêm de uma tradição italiana."

Mauricio Dottori – *Glaciers, soleils d'argent, flots nacreux, cieux de braises*: há no *Bateaux ivre*, de Arthur Rimbaud, um verso – *Geleiras, sóis de prata, correntes nacaradas, céus de brasas* – que soa para mim como uma síntese de nossa absurda navegação por este mundo. Foi esta a minha inspiração para este trio afetuoso de harpa, flauta e viola, dedicado a meu sobrinho Gabriel, que se foi muito antes da hora.

Tauan Gonzalez Sposito – *Introspecções II*: faz parte de um ciclo de composições sobre a complexidade da comunicação humana. Parte do fato de que para muitas pessoas expor ideias e travar conversações se torna uma ação muito difícil, quase inalcançável. Busca representar o desenvolvimento de uma ideia composicional: a fagulha surge sem resultados imediatos no início; desenvolvendo, criam-se *brainstorms* e fluxos de pensamento, onde uma ideia emenda em outra, atingindo um ponto muito diferente do inicial. O grupo se comporta como pessoas que preferem monologar consigo mesmas. Apesar dos diálogos entre os integrantes, são momentos intimistas que predominam, em especial os do fagote: à frente, representa a pessoa imersa em suas introspecções; os outros participam de seus pensamentos.

João Isaac Marques – *Se eu me esquecer de Ti, Jerusalém*: após a conquista de Jerusalém por Nabucodonosor, em 586 a.C., os judeus foram levados e mantidos em cativeiro na Babilônia. Lá os guardas zombavam, pedindo para que cantassem seus cânticos jubilosos de outrora. Mas os judeus se recusavam; protestavam em gesto simbólico, pendurando seus instrumentos em salgueiros às margens dos rios. Atribuído ao profeta Jeremias, *'Im'eshkahekh Yerushalayim*, o Salmo 137 é um lamento icônico do povo judeu que, mesmo em diáspora, jamais deverá deixar-se obliterar em seus corações símbolos de sua origem. A obra é inspirada no pesar de um povo exilado, saudoso e preenchido de uma esperança latente de retornar à sua amada pátria; a terra santa de Sião, Jerusalém.

Guilherme Bertissolo – *Fumebianas nº 2*: segunda peça da série *Fumebianas* (da Fumeb, Fundação Mestre Bimba), onde desenvolvi ideias e processos relacionados a uma pesquisa sobre a relação entre música e movimento na Capoeira Regional. Diversos materiais foram extraídos diretamente do contexto, tais como material melódico, texturas, escalas etc. Entretanto, é no campo conceitual que a obra propõe um universo poético profícuo, a partir dos quatro conceitos inferidos do contexto: ciclicidade, incisividade, circularidade e surpreendibilidade.

Santiago Beis – *Endomysium*: esta obra é inspirada no retrato do músculo estriado e as suas características morfológicas, para a instrumentação do quarteto de cordas. Refere-se, em diversas situações sonoras, às expressões humanas do movimento e da paralisia: tensão, relaxamento, atrofia, paralisia e estímulo sem resposta. Os fatores que imprimem o mundo microscópico do seu organismo também afetam visivelmente o corpo inteiro da composição: a expressão da força ou da languidez, a textura lisa do esquecimento e o contínuo fluxo da diferença, em contraposição, complementação ou em direção à síntese, junto ao caráter estriado, seccional e articulador do impacto da impressão de que algo mudou. A significação do salto e do passo, segundo o compositor.

Caio Facó – *Gesualdo*: esta peça é baseada na vida e na obra do compositor italiano renascentista Carlo Gesualdo di Venosa. Em seus textos, Gesualdo frequentemente utilizava termos para representar os extremos da emoção humana: amor, dor, morte, êxtase, agonia e outros vocábulos que não eram comuns nos textos das músicas dos compositores de seu tempo. Sua música expressava um dramatismo intenso, com dissonâncias e harmonias raras para aquela época; e que foram exaltadas, séculos depois, por compositores de vanguarda como Igor Stravinsky. Sua vida também foi marcada por muitos dramas. No ano de 1590, Gesualdo assassinou sua esposa e Fabrizio Carafa, terceiro Duque de Andria. Esta obra se baseia em todos estes contrastes presentes em sua vida e em sua obra, que são aqui expostos sob uma perspectiva contemporânea.

Luigi Antonio Irlandini – *Peace, my heart (2007)*: é uma obra polifônica para coro com o poema no. LXI de *The Gardener*, de Rabindranath Tagore. Eis uma tradução livre do original em inglês, feita pelo compositor:
Paz, meu coração, que o momento da separação seja suave / Que não seja uma morte, mas completeza / Que o amor se dissolva em memória e a dor em canção / Que o vôo pelo céu termine no fechar das asas sobre o ninho / Que o último toque de tuas mãos seja gentil como a flor da noite / Permanece, ó Belo Fim, por um momento, e diz tuas últimas palavras em silêncio / Eu me inclino diante a ti e levanto minha lâmpada para iluminar o teu caminho.

Alexandre Schubert – *Memento Mori*: escrita para coro a 16 vozes individuais, tem como base textos que nos levam a refletir sobre o momento de transição da vida para o plano espiritual. No primeiro movimento são usadas texturas em camadas. O segundo movimento é uma reflexão sobre a continuidade da existência após a morte. *Dies Irae* traz fragmentos repetidos e acumulativos criando tensão. A seção seguinte é um apelo para que não haja a "morte eterna". O terceiro movimento é baseado no Novo Testamento (João, 3) em que Jesus e Nicodemus conversam sobre a necessidade de renascer. O último movimento traz a frase do dólmen de Allan Kardec, no cemitério de Père Lachaise em Paris, indicando que o processo evolutivo não cessa com a morte do corpo físico, mas continua - em espírito - em sucessivas encarnações.

Marco Feitosa - *Missa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*: escrita para coro misto e órgão, a composição é uma obra litúrgica dedicada à padroeira do Brasil, cuja imagem foi encontrada, em 1717, por pescadores no Rio Paraíba do Sul, motivo pelo qual a Igreja Católica celebra, em 2017, o Ano Nacional Mariano e o Jubileu 300 Anos de Bênçãos. A obra consiste numa "missa étnica", composta em cinco movimentos que correspondem ao tradicional *Ordinário da Missa:* I. *Senhor*, II. *Glória*, III. *Credo*, IV. *Santo*, V. *Cordeiro de Deus*. Em geral, foram empregados, nos respectivos movimentos, diversos elementos musicais relativos aos três principais povos ou etnias que compõem o tecido social da população brasileira: os indígenas, os europeus e os africanos. É o retrato musical de um povo através de sua fé, devoção e religiosidade.

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Sala Cecília Meireles — quinta, 26 de outubro às 19h

I

Danilo Rossetti — *Proceratophrys boiei***
sax tenor: José de Carvalho; difusão: Danilo Rossetti

José Ricardo — *Eventos (recortes)***
difusão: José Ricardo

Jorge Antunes — *Tríptico Bocagiano***
voz contralto: Laila Oazem; piano José Wellington.

Alex Pochat — *IXI***
difusão: Bryan Holmes

Bryan Holmes — *Miragens***
difusão: Bryan Holmes

II

LC Csekö — *Noite do Catete 14***
difusão: LC Csekö; voz feminina: Gabriela Geluda; violão: Luís Carlos Barbieri;
guitarra elétrica: Aloysio Neves; clarineta baixo: Paulo Passos;
piano: Tatiana Dumas; percussão: Joaquim Abreu

Guilherme Ribeiro — *Timbral Verses***
voz soprano: Doriana Mendes; voz barítono: Fabrizio Claussen

Levy Oliveira — *Reminiscências***
difusão: Levy Oliveira

Bruno Santos — *Amigos do Ó***
oboé: Rodrigo Herculano; corne-inglês: Francisco Gonçalves

Thiago Diniz — *Ímã***
difusão: Thiago Diniz

Lucas Filipe Oliveira — *Dentata***
difusão: Lucas Filipe Oliveira

coordenador: Bryan Holmes

Obras em estreia mundial: **vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2016

Danilo Rossetti – *Proceratophrys boiei*: a obra foi composta a partir da análise de um som emitido pelo sapo da espécie *Proceratophrys boiei*, endêmica no Brasil, especialmente na Mata Atlântica. Nessa análise, determinou-se as frequências presentes no som, que foram associadas às alturas e gestos musicais utilizados na escrita do sax. Durante a performance, o som instrumental é captado ao vivo por um microfone e tratado eletronicamente por diversos processamentos, dentre os quais destacamos a convolução e granulação. No primeiro caso, o som instrumental é modulado por outros sons (que podem ser sonoridades do sax ou o som gravado da espécie anfíbia). No segundo, o som do instrumento é fatiado em pequenas partículas, transposto para diferentes alturas e espacializado em ambissonia nos alto-falantes disponíveis na sala de concerto.

José Ricardo – *Eventos (recortes)*: a peça é feita de pequenos fragmentos de gravações de campo, coletados - entre os anos de 2014 e 2016 - pelo próprio compositor, sequenciados um após o outro sem repetir.
O equipamento utilizado foi o gravador de mão DR-05, da Tascam, com seu par de microfones internos, o par de microfones binaural CS-10EM, da Roland, e a plataforma Reaper para edição e controle de níveis.

Jorge Antunes – *Tríptico Bocagiano*: a obra consiste num tríptico de canções, com poemas do poeta português Manuel Maria de Barbosa l'Hedoisdu Bocage (1765-1805). O ano de 2015, em que Antunes escreveu a série de três canções para voz de contralto e piano, marcou os 250 anos de nascimento do grande e polêmico poeta português. A efeméride passou despercebida pela comunidade lusófona, e isso desagradou ao compositor que, com essa composição, homenageia o grande sonetista.

Alex Pochat – *IXI*: composição criada a partir da interpretação de feirantes acerca de obra acusmática anteriormente composta pelos falares desses mesmos feirantes. Tal circuito criativo coloca o sujeito à frente de si mesmo, contemplando uma narrativa criada a partir de sua própria história falada e sonoridades complementares, também criadas por ele - toda a paisagem sonora da feira. Assim, a resposta interpretativa do feirante à música da qual faz parte passa a ser o material falado, que segue analisado e trabalhado composicionalmente: música falada, gerando interpretação falada e novos materiais falados, para outra música falada.

Bryan Holmes – *Miragens (2016)*: a obra explora conceitos como o atrito e a rugosidade, em justaposição e/ou sobreposição a sons lisos e suaves. Outro conceito fundamental é o das ressonâncias, muitas das quais foram criadas a partir da convolução entre espectros de fontes diversas. Além destes sons e de sons sintetizados com aparelhos analógicos, construídos pelo compositor, há ainda algumas fontes instrumentais e vocais disfarçadas em meio às tramas complexas. São essas as "miragens" a que faz referência o título, não só pela forma como as amostras se escondem no discurso musical, mas também porque carregam informação relacionada a outros tempos e lugares, como visões que aqui se encontram de forma onírica.

LC Csekö – *Noite do Catete 14*: a composição faz parte de uma série para diversificada formação instrumental. Um processo de *assemblage* de blocos sônicos improvisacionais, célere contraponto de aleatoriedades, dinâmica e timbre, contração-expansão de tempo e amálgama eletroacústico criam o fluxo sônico da obra. Registrado em *Notação Gráfica Híbrida*, *Tempo em Suspensão*, *Técnicas Instrumentais Ampliadas*, *Improvisação*. Uma interface com multimeios é realizada pela imagem cênica tridimensional. Criada pela intervenção visual (*light/scenic/sonic design*), esculpindo estreitas colunas de luz no bloco negro do auditório/palco. O trabalho se norteia poeticamente pelas epígrafes dos poetas Fernando Pessoa, Paulo Leminski, Charles Bukowsk, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira - *...saudade meu remédio é cantar.*

Guilherme Ribeiro – *Timbral verses [Versos tímbricos]*: é uma obra que se utiliza da voz humana como um instrumento de ricas variações de timbres: desde ruídos a sons com altura definida. Ruídos e notas se confundem num jogo rítmico complexo que perpassa toda a composição. Não existe um texto para as vozes, propriamente dito; há, na peça, palavras e expressões que remetem a um contexto prático-musical como, por exemplo, contagem de tempos, expressões de andamento, de caráter, de dinâmica, etc. Dessa forma, a peça pretende trilhar esse caminho, passando pelos vários timbres vocais dispostos nesse trabalho, e encontrar pelo mesmo caminho, ritmos complexos não muito comuns em composições para voz.

Levy Oliveira – *Reminiscências*: a obra é uma reflexão sobre a vida. A música retrata a mente de uma pessoa que se encontra próxima da morte. Nesses últimos instantes, essa pessoa começa a recapitular momentos importantes de sua vida, passando pela sua infância, adolescência, vida adulta e terceira idade. Ao longo da peça, todas essas ambientações são, de alguma forma, referenciadas. Algumas vezes, de forma mais clara, outras vezes, de forma mais sugestiva. A peça foi composta no estúdio pessoal do compositor e no Centro de Música Contemporânea da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Bruno Santos – *Amigos do Ó:* a composição foi inspirada numa história de amizade e companheirismo de dois amigos oboístas, companheiros de estudo, onde o amor ao próximo supera todas as expectativas. O desenrolar da peça objetiva demonstrar os momentos tristes, cômicos e felizes, presentes na vida dos dois estudantes.

Thiago Diniz – *Ímã*: construída a partir de gravações de sons metálicos como extintores de incêndio, panelas, moedas, chaves, arames, cordas de guitarra, sinos, etc., a obra discursa sobre a atração. Os objetos sonoros se movimentam no espaço, atraídos uns pelos outros; ao colidirem, se deformam, se despedaçam e criam outros campos magnéticos. Das ressonâncias surgem movimentações delicadas, como que feitas por corpos microscópicos. Por vezes, os pequenos pedaços se juntam, construindo grandes estruturas. Num universo onde tudo é atração, a delicadeza do equilíbrio e a violência da colisão coexistem num ciclo interminável.

Lucas Filipe Oliveira – *Dentata*: a matéria-prima imaginativa da obra vem do universo *cyberpunk*, e também do livro *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, e do poema *Vênus Anadiomene*, de Arthur Rimbaud. Estes elementos se unem, através de uma teia de signos sonoros, formando uma espécie de narrativa mítica.

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Sala Cecília Meireles **sexta, 27 de outubro às 19h**

I

Dimitri Cervo — *Rapsódia Maracatu**
piano: Dimitri Cervo

Helder Oliveira — *Resiliens***

João Guilherme Ripper — *Improviso para violino e orquestra**
violino: Daniel Guedes

II

Edson Zampronha — *Il respiro del silenzio**

Ricardo Tacuchian — *Concerto para violino e orquestra**
I- *Allegro ma non troppo*; II- *Cadenza-Andante*; III- *Allegro*
violino: Carla Rincón

Wellington Gomes — *Estilhaços dançantes**

Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro
regente: André Cardoso

Obras em estreia mundial: *encomendadas pela Funarte em 2016
**vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2016

Dimitri Cervo – *Rapsódia Maracatu*: foi composta por encomenda da Funarte para a XXII Bienal, através da indicação do nome do compositor por dez intérpretes brasileiros de notório saber. A obra é uma fantasia para piano e orquestra, na qual o Baque de Arrasto, do Maracatu de Baque Virado, é o material temático principal. Após uma introdução em arpejos no piano, é apresentado o tema no ritmo do maracatu. Essa grande seção conduz a uma cadência do piano solista. Após a cadência, novas ideias são introduzidas, até a volta do tema do maracatu, que leva a obra ao seu final. Assim, como a *Rapsodia in Blue*, de Gershwin, é uma fantasia na qual elementos do jazz se fazem presentes, essa é uma rapsódia brasileira, baseada em elementos do maracatu.

Helder Oliveira – *Resiliens* aborda o princípio da resiliência da seguinte forma: como não se pode prever certos gestos musicais por parte do ouvinte e, por conseguinte, gerar interesse, alguns materiais musicais sofrem diversas formas de pressão, como aplicação de sons bruscos no meio do discurso musical, interrupções momentâneas, sobreposição de melodias sobre outro material melódico em repetição, e sofrem também diversas formas de variação. O poder de recuperação de certas sonoridades é demonstrado também após o uso de dissonâncias e muita pressão na fricção das cordas.

João Guilherme Ripper – *Improviso para violino e orquestra*: a obra encomendada pela Funarte para XXII Bienal da Música Brasileira Contemporânea é dividida em três movimentos, que seguem sem interrupção. O primeiro, em andamento *Expressivo*, inicia com o tema no violino solista ao qual se junta gradualmente toda orquestra. O segundo movimento, *Rítmico*, se baseia em notas repetidas no instrumento e apresenta passagens de significativa dificuldade técnica. O terceiro movimento, *Expressivo*, tem andamento *moderato* e termina em cadência para o violino solista que encerra a obra.

Edson Zampronha – *Il respiro del silenzio, 2016*: é uma obra marcada por contrastes de linguagem e caráter, propondo uma dinâmica interação com a escuta do ouvinte. O título da obra se refere, por um lado, a uma frase lenta entremeada por breves silêncios, que aparece próxima ao início da obra. Esta frase reaparece posteriormente com novos elementos, pouco a pouco se transformando em uma melodia repleta de lirismo. Mas o título também se refere a fragmentos do madrigal renascentista *Io pur respiro*, de Carlo Gesualdo, que serve de fundamento para a organização das notas da obra. Este madrigal nunca aparece, mas a utilização de suas notas essenciais preserva uma característica muito especial que cria um diálogo com a história da música, transferindo à nossa escuta qualidades muito originais e comunicativas.

Ricardo Tacuchian – *Concerto para violino e orquestra*: segue uma estética pós-moderna, terceira etapa da carreira do compositor. Está dividido em três movimentos (1. Allegro *ma non troppo*; 2. *Cadenza – Andante*; 3. *Allegro*) e retoma as características da tradicional forma concerto, isto é, o politematismo, o caráter contrastante e dramático das ideias temáticas e a divisão em andamentos rápido-lento-rápido, sendo reservada uma seção para a *cadenza* do solista. Foi escrito em 2016 e dedicado à violinista venezuelana-brasileira Carla Rincón.

Wellington Gomes – *Estilhaços dançantes*: manchas sonoras no espaço e no tempo impulsionam-se e dissolvem-se com sotaques e traços rítmicos do "samba" e do "lundu", dando origem a estruturas fragmentadas que flutuam dentro de texturas maleáveis. A rítmica torna-se a máxima da ideia musical, o tempo envolve o espaço sonoro, transformando os traços temáticos em outros possíveis sotaques ou traços rítmicos, no ambiente sinfônico orquestral. Se há a possibilidade deste discurso musical transparecer trivial e recorrente, pelos traços temáticos inseridos, ao mesmo tempo, a ideia torna-se desafiadora pelo compositor na busca de um outro olhar, na tentativa de dizer algo, tão nosso, de maneira não familiar.

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Sala Cecília Meireles — sábado, 28 de outubro às 19h

I

Fred Carrilho — *EVENTVM VII***
piano: Achile Picchi

Danniel Ribeiro — *Figura Cantabile***
violão: Fabio Adour

Paulo César Santana — *Curimã***
flauta: Cássia Carrascoza; piano: Lidia Bazarian

Maryson J. S. Borges — *Maat Vago, Maat Penso***
flauta: Carol Chavez; piano: José Wellington; trombone: João Luiz Areias

Diego Batista — *Transição***
trompete: Nailson Simões; violoncelo Pablo de Sá; piano: José Wellington

Alexandre F. Travassos — *Ares Selvagens***
flauta: Rubem Schuenk e Eduardo Monteiro; oboé: Luís Carlos Justi e Jeferson Nery; clarineta: Paulo Sergio Santos e César Bonan; fagote: Aloysio Fagerlande e Jeferson Souza

II

Felipe de Almeida Ribeiro — *Der Zweifel***
flauta doce: David Castelo, João Pedro Azeredo, Patricia Michelini e Pedro Hasselman Novaes

Rodrigo Marconi — *O despertar da intratável realidade***
violino: Martin Tuksa; violoncelo: Lars Hoefs; piano: Lidia Bazarian

Marisa Rezende — *Ciclo**
Quinteto Pierrot - clarineta: Luís Afonso Montanha; violino: Martin Tuksa; violoncelo: Lars Hoefs; piano: Lidia Bazarian

Vinicius Amaro — *Mandinga Nº 4 (Besouro Mangangá)***
Quinteto Pierrot - flauta: Cássia Carrascoza; clarineta: Luís Afonso Montanha; violino: Martin Tuksa; violoncelo: Lars Hoefs; piano: Lidia Bazarian

Cadu Verdan — *Sobre a angústia***
oboé: Luís Carlos Justi; clarineta: Igor Carvalho; trompa: Philip Doyle; violino: Mariana Salles e Ayran Nicodemo; viola: João Senna; violoncelo: Pablo de Sá; piano: Raquel Paixão
regente: Alexandre Schubert

Armando Lôbo — *Romantic Games***
violino: Tomaz Soares, Ana de Oliveira, Monique Cabral e Fernando Pereira; viola: Jessé Máximo Pereira, Clara Santos, Erick das Neves e João Senna; violoncelo: Janaina Salles, Pablo de Sá e Gretel Paganini; contrabaixos: Rodrigo Favaro e Waldir Bertipaglia
regente: Ubiratã Rodrigues

coordenadores Marcos Lucas e Alexandre Schubert

Obras em estreia mundial:
*encomendadas pela Funarte em 2016
**vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2016

Fred Carrilho – *EVENTVM VII:* é um ciclo de obras cujo escopo conceitual, estético e poético tem, em seu cerne, o conceito matemático e físico de acontecimentos/eventos no espaço-tempo. O *eventus sonantis* sublima a interação dos fenômenos espaciais e sonoros, bem como das relações destes conceitos acústicos com a poética existencial humana. *EVENTVM VII* para piano explora os conceitos de *textura* a partir da música do século XX e XXI. Espacialização, ressonância, contraponto, multiplicidade de fenômeno transitório formal e harmônico, elaborações inter-hemisférias, timbre e simetria são alguns dos elementos composicionais presentes na arquitetura de *EVENTVM VII*. Estas características estabelecem as funções estruturais presentes na obra musical do autor.

Danniel Ribeiro – *Figura Cantabile*: procura transbordar seus parâmetros. O desenvolvimento temporal da peça é apresentado em diferentes perspectivas sobre sua "elasticidade" e constituição interna de figuras superficiais. Essas unidades se relacionam com o objetivo gestual de cada situação da peça e procuram redimensionar objetos ou até traduzir a "qualidade" de um momento em outro. A poética da peça parte da metáfora de um comportamento temporal flexível, no qual o lirismo de cada gesto é deslocado e projetado em outros parâmetros.

Paulo César Santana – *Curimã:* é uma homenagem ao centenário do cantor e compositor baiano Dorival Caymmi. A peça tem como discurso sonoro dois temas largamente utilizados por ele, o candomblé e o mar.
A composição é construída utilizando fragmentos e mutações de um padrão rítmico do universo afro-baiano, o *Alujá de Xangô*, aliado a planos sonoros fortemente dinâmicos, características de alguns orixás, além de gestos em forma de onda e o uso extensivo de quiálteras (subdivisão de uma nota em mais ou menos partes do que normalmente) de 3, 5, 6, 7, 9 e 10 que fazem referência aos orixás presentes nas canções de Caymmi.

Maryson J. S. Borges – *Maat Vago, Maat Penso*: é parte de um ciclo baseado em conceitos estéticos de Ítalo Calvino. *Maat* representa tanto uma pluma que simboliza uma espécie de fiel da balança, de ideia de precisão nos hieróglifos dos egípcios, quanto na concepção deste mundo arcaico; a medida padrão do tijolo unitário (33cm) e o tom fundamental da flauta. A ideia é explorar, na estruturação musical da peça, na manipulação de seus elementos harmônicos, tímbricos, texturais, formais, o jogo semântico patente entre o termo *Maat*, que indica precisão, e a ambiguidade latente nas palavras que expandem esta estabilidade para dimensões outras da percepção, e trai expectativas mais unívocas da sua interpretação como: "vago-vazio-impreciso" e "vaguear-caminhar-perambular" ou "penso-pensar-refletir" e "penso-torto-instável".

Diego Batista – *Transição:* nesta peça, a presença do trompete como instrumento solista é muito marcante, e é através dele que os outros instrumentos ecoam suas partes, funcionando como uma espécie de "caixa de ressonância". Embora, muitas vezes, os demais instrumentos também gerem ecos uns para os outros, como um ciclo auto-sustentável de gestos, alturas e outros.

Alexandre F. Travassos – *Ares Selvagens:* é uma peça curta para octeto de madeiras (2fls, 2 obs, 2 clts e 2 fgs) composta em 2016. Através de uma linguagem predominantemente modal e do uso de poucos motivos que se transformam e se desenvolvem nas diferentes seções da obra, ela evoca danças, rituais e cantos primitivos da imaginação do compositor. *Ares Selvagens* está dividida em três seções maiores com atmosferas de caráter ora rude, ora satírico, ora místico. A primeira parte, que se divide em duas seções menores, apresenta uma dança com forte apelo rítmico e mais dissonante. A música se dissolve para apresentar, então, uma ária onírica e misteriosa nos clarinetes. Após uma recapitulação dos elementos iniciais, a peça culmina na metamorfose da ária central, apresentando-a agora de forma grandiosa.

Felipe de Almeida Ribeiro – *Der Zweifel*: é uma obra para quarteto de flautas doces que apresenta uma formação instrumental enquanto diferentes órgãos de um mesmo metainstrumento, com seus próprios aspectos orgânicos, como ataque, ressonância e cor. Esta composição requer um diferente tipo de virtuosidade em relação à performance musical; uma que busca constantemente harmonizar e fundir os quatro instrumentos. Precisão rítmica e equilíbrio de dinâmicas são parâmetros essenciais em uma performance de *Der Zweifel*. A peça usa os seguintes instrumentos: flauta doce contralto (instrumentista nº1), flauta doce contralto (instrumentista nº2), flautas doces contralto e tenor (instrumentista nº3), e flauta doce baixo (instrumentista nº4).

Rodrigo Marconi – *O despertar da intratável realidade:* para um trio de violino, violoncelo e piano em um único movimento; foi escrita em 2015. A ideia principal foi tentar realizar o maior número de combinações e texturas possíveis com essa formação. Logo, observa-se a utilização de solos de cada instrumento, um duo de violino e violoncelo contrastando com a atuação em *tutti*. O título é uma homenagem ao semiólogo francês Roland Barthes, que, em seu livro *A Câmara Clara – Nota sobre a fotografia*, conclui que a fotografia pode ser louca ou sensata, e finaliza: "Essas são as duas vias da fotografia. Cabe a mim, escolher, submeter seu espetáculo ao código civilizado das ilusões perfeitas ou afrontar nela o despertar da intratável realidade".

Marisa Rezende – *Ciclo*: se inspira não só nas transformações presentes na natureza, mas também na ideia de encerramento e seu oposto, o reinício. A continuidade ou ruptura, sutis ou bruscos limites, tantas vezes turvos, marcam o universo sonoro em sintonia com a dialética da vida. A constante utilização de sonoridades obtidas pelo uso de baqueta nas cordas do piano e os trêmolos frequentes dos outros instrumentos pincelam o ambiente numa interpretação do poema *Árvore*, de Mia Couto.

Vinicius Amaro – *Mandinga Nº 4 (Besouro Mangangá)*: dedicada ao compositor Paulo Costa Lima, *Mandinga Nº 4* desenrola-se, enquanto trama musical, como uma espécie de homenagem a um ícone da capoeira baiana, Manoel Henrique Pereira (Santo Amaro, 1895—1924), mais conhecido como Besouro Mangangá. Lembrado pelo estilo de luta agressivo, contraditoriamente lúdico e tecnicamente virtuosístico, Mestre Besouro inspirou muitas lendas que lhe atribuem a característica de "corpo fechado" e, neste sentido, invencível. Imersa no teor dramático que envolve a história e as estórias de Besouro, a obra absorve para as suas estruturas composicionais princípios e características ligadas ao universo cultural da capoeira. No decorrer do discurso compositivo, o piano quase sempre é o pivô das ações musicais, se comportando, em alguma medida, como se fosse uma manifestação do próprio Besouro.

Cadu Verdan – *Sobre a angústia*: três climas são apresentados caracterizando o sentimento da angústia e suas possíveis motivações: há a tristeza e há a ansiedade e, entre essas duas, a incerteza. Os três climas se misturam e se intensificam ao longo da peça. A tensão atinge o ponto máximo, culminando no desespero, na consumação de todos os medos.

Armando Lôbo – *Romantic Games*: é uma fuga disfarçada por um jogo intenso de heterofonias, distorções e metamorfoses do sujeito (ou tema principal), de feição neorromântica. A obra faz analogia espacial de um filtro equalizador, com oscilação pendular entre sons extremamente graves e agudos. Em alguns pontos, a sustentação e superposição de frases curtas criam uma textura assemelhada à ação de um *delay* e *reverb* na música eletrônica ou gravada. *Romantic Games* é parte da investigação conceitual e estética de Armando Lôbo acerca de estruturas culturais e artísticas aparentadas ao jogo.

XXII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Sala Cecília Meireles **domingo, 29 de outubro às 17h**

I

Ângelo Martins — *Homo Machina***

Marco Antônio Machado — *Fosforescência (1770-2006)***

Marcos Cohen — *Concertino para Fagote e Cordas***
I- *Introdução*; II- *Exposição*; III- *Reexposição*; IV- *Conclusão*
fagote: Aloysio Fagerlande

II

Roberto Victorio — *Meridianos***

Rodrigo Cicchelli — *Concertino Noturno***
flauta: Sérgio Barrenechea

Orquestra Sinfonietta Carioca
regente: Ubiratã Rodrigues

Obras em estreia mundial: *encomendadas pela Funarte em 2016
**vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2016

Ângelo Martins – *Homo Machina*: peça inspirada na Anatomia Oculta, segundo as tradições Gnósticas, como se cada parte (plano) da existência funcionasse como uma engrenagem; o todo formado por um conjunto de engrenagens onde há transferência de energia (matriz) de ponta a ponta (material), como se a existência do homem fosse comparada a uma máquina perfeita, complexa, sublime, que é impelida por uma força oculta, subconsciente, de dentro para fora.

Marco Antônio Machado – *Fosforescência (1770-2006)* para orquestra de cordas: peça que faz parte do ciclo das 'fosforescências'; foi desenvolvida pelo compositor ao longo de sua pesquisa de doutoramento. Em seu bojo há aplicações de técnicas de colagens e citações, produzindo uma espécie de cubismo sintético no campo sonoro-musical. Dentre os materiais utilizados na recomposição dessa obra se encontram excertos de peças de Beethoven, Chopin, Liszt, Debussy, Messiaen e Ligeti, por isso, o subtítulo *1770-2006*, denotando a data de nascimento do mais antigo e de falecimento do mais recente entre os compositores listados.

Marcos Cohen – *Concertino para Fagote e Cordas* é dividido em quatro seções claramente distintas: introdução, exposição, reexposição e conclusão. Cada uma das seções apresenta os materiais temáticos organizados em espiral e em interconexão. A obra trabalha essencialmente elementos polifônicos, entretanto, momentos de homofonia são desenvolvidos em sua parte final. Tanto a parte solista quanto as da orquestra são virtuosísticas e têm na polirritmia e polimetria seu mote de construção.

Roberto Victorio – *Meridianos*: a obra – escrita em cinco partes – explora os gestos iniciais como ponte entre as ocorrências que são desenvolvidas durante todo o percurso, onde o grupo de cordas se dissolve em vários momentos como um pequeno grupo de solistas, enfatizando o jogo entre as grandes massas texturas e a fluidez/rarefação das ambiências. O meridiano delimitador entre os silêncios e os arroubos sonoros, entre os momentos fluídicos e os adensamentos, que compõem o tecido volátil da peça a todo instante.

Rodrigo Cicchelli – *Concertino Noturno*: segunda composição do ciclo *Música Noturna*, centrado nas cordas. Tentativa de "acerto de contas", como assinala o autor, com a influência sofrida pelo legado da música brasileira de cunho nacionalista, em diálogo com suas origens musicais. Dividida em três movimentos: *Ponteado*, que alude à ideia imprecisa de levada musical tão explorada por compositores brasileiros no século XX; já em *De sterrennacht*, o compositor transfigura uma bossa nova, remetendo ao conhecido quadro de Van Gogh, *A Noite Estrelada*; em *Lembrando Guerra-Peixe*, rememora as lições que recebeu do mestre, seu primeiro professor de composição, embebendo-se em alguns traços da escrita do compositor clássico brasileiro (César Guerra-Peixe – 1914-1993, Petrópolis, RJ). A peça sugere alguém que resolve flanar alegremente pela noite, intoxicando-se com os vapores noturnos, entregando-se a devaneios, lembranças e a uma animada dança de sabor nacional.

Orquestra Sinfônica Nacional da Universidade Federal Fluminense (OSN/UFF)

violinos I: Ana de Oliveira (spalla), Anderson Pequeno (spalla), Tais Soares (spalla), Holly Katz (concertino), Carlos Weidt, Gisele Sampaio, Juan Marcelo Capobianco, Leonardo Fantini, Luisa de Castro, Luiz Henrique Lima, Monique Cabral e Vera Kingkade
violinos II: Yuri Reis (líder), Luiz Felipe Ferreira (concertino), Álvaro Teixeira, Daniel Andrade, Deivison Branco, Elisa Pais, Juliana Fernandes, Keeyth Vianna, Priscila Araújo, Rubem de Oliveira e Sônia Nogueira
violas: Daniel Prazeres (líder), Diego da Silva (concertino), Carlos Fernandes, Clara Santos, Fernando Thebaldi, Reneide Simões, Stoyan Gomide e Tina Werneck
violoncelos: Diana Lacerda (líder), Marcus Ribeiro (concertino), Daniel Silva, Gabriela Sepúlveda, Hudson Lima, Janaína Salles e Ronildo Alves
contrabaixos: Raul d'Oliveira (líder), Natália Terra (concertino), Cláudio Alves, Gael Lhoumeau, Jorge Oscar e Lise Bastos
flautas: Andrea Ernest (líder), Helder Teixeira e Murilo Barquete
oboés: Jeferson Nery (líder), Moisés Maciel e Moisés Pena
clarinetas: Anderson Alves (líder) e Tiago Teixeira
fagotes: Marcos Campos (líder), Cosme José Marques e Jeferson Souza
trompas: Marco Vilas Boas (líder), Dayanderson Dantas, Geraldo Alves e Waleska Beltrami
trompetes: Flávio Melo (líder), Delton Braga, Elias Vicentino e Nelson Oliveira
trombones: Sérgio de Jesus (líder), Ezequiel Alexandre e Luiz Augusto Pereira
tuba: Carlos Vega (líder)
percussões: André Santos (líder), Nirailton Nascimento e Paulo Bogado
harpa: Vanja Ferreira (líder)

Universidade Federal Fluminense

Reitor: Sidney Luiz de Matos Melo
Vice-Reitor: Antonio Cláudio da Nóbrega

Centro de Artes UFF

Superintendente: Leonardo Guelman
Assistente da Superintendência: Gisella Chinelli
Coordenadora de Música: Juliana Amaral
Chefe da Divisão de Música Sinfônica: Águeda Sano
Comissão Artística: Deivison Branco, Waleska Beltrami e Natália Terra
Produção: Aline Picanço, Simone Coelho e Solange Machado
Inspetor: Felipe Maximiano
Arquivista e Editor de Partituras: Glauco Martins Baptista
Bolsista de Arquivologia: Priscilla Cezário
Montadores: Robson Santos e Leonardo Pinheiro

Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (OSUFRJ)

Direção artística: André Cardoso e Ernani Aguiar

violinos I: Felipe Prazeres (spalla), Andreia Carizzi, Felipe Damico, Her Agapito, Inah Pena, Kelly Davis, Mauro Rufino e Talita Vieira
violinos II: Adonhiran Reis, Ana Catto, André Bukowitz, Ewerton Cândido, Marília Aguiar, Ricardo Coimbra e Sônia Katz
violas: Cecília Mendes, Erick Alves, Francisco Pestana, Ivan Zandonade, Jessé Máximo Pereira e Rúbia Siqueira
violoncelos: Eleonora Fortunato, Gretel Paganini, João Bustamante, Paulo Santoro e Ricardo Santoro
contrabaixos: Rodrigo Favaro, Saulo Melo, Tarcísio Silva e Voila Marques
flauta: Lincoln Sena
oboé: Juliana Bravim
clarineta: Márcio Costa
fagote: Paulo Andrade
trompas: Tiago Carneiro e Mateus Lisboa
trompete: Alex Ferreira e Ezequiel Freire
trombone: Weslley Correa
tímpanos: Pedro Moita
percussão: Fausto Maniçoba

Direção de produção: Vanessa Rocha
Coordenação de palco: Paula Buscácio
Arquivo: Vilane Trindade
Monitor de regência: Felipe Damico
Bolsistas graduação PROART/GARIN: Brian Ronald, Edgar Araújo, Gabriel Carvalho, Mirian Valentim
Bolsistas mestrado PROART/GARIN: Jean Molinari e Vilane Trindade

Escola de Música da UFRJ

Direção: Maria José Chevitarese
Direção artística: Marcelo Jardim

A Orquestra Sinfônica da UFRJ é patrocinada em 2017 pelo Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ e PROART/GARIN.

Orquestra Sinfonietta Carioca

Regente: Ubiratã Rodrigues

violinos I: Tomaz Soares, Luísa de Castro, Holly Katz, Thiago Teixeira, Maressa Carneiro, Ivan Scheinvar, Monique Cabral e Luiz Lima
violinos II: Ana de Oliveira, Fernando Pereira, Luiz Felipe Ferreira, Her Agapito, Willian Isaac e Iago Pereira
violas: Jessé Máximo Pereira, Clara Santos, Erick das Neves e João Senna
violoncelos: Janaína Salles, Pablo de Sá e Gretel Paganini
contrabaixos: Rodrigo Favaro e Waldir Bertipaglia

Coro Boca Que Usa

Regente preparadora: Lina Santoro
Pianista acompanhadora nos ensaios: Katia Balloussier

Integrantes do Grupo Vocal Boca Que Usa: Amilcar de Castro, Eduardo Fraga, Erica Villaça, Giana Araújo, Gustavo Campos, Jorge Saraiva, Leila Telles, Lethicia Telles, Letícia Gonçalves, Lina Santoro, Lívia Natividade, Luiz Carlos Peçanha, Macla Nunes, Mário Sampaio, Márcia Godinho, Nina Fras, Pedro Marcos Pereira, Ricardo Fraga, Roberto Fabri e Victor Pires

Cantores extras para a peça do compositor Aylton Escobar: Cadu Barcelos, Daniel Rangel, Emerson Lima, Fabiano Muniz, Jeison Vargas, João Pedro Azeredo, Kaique Stumpf, Leo Thieze, Lucas Paixão e Rivelino de Aquino

Coro Madrigal Contemporâneo

Regente: Danielly Souza

Sopranos: Aline Talon, Ana Claudia Reis, Lina Santoro e Isabella Rollim
Contraltos: Lily Driaze, Danielle Sardinha, Katya Kazzaz e Macla Nunes
Tenores: Guilherme Moreira, Rafael Bezerra, Cadu Barcelos e Daniel Rangel
Baixos: Lúcio Zandonadi, Antonio Cerdeira, Emerson Lima e Ricardo Fraga
Órgão: Luciana Fantini

Partituras

TV Brasil

Rádio MEC FM
Rio de Janeiro - 99,3 MHz

EBC Empresa Brasil de Comunicação

Sinfonietta Carioca

Orquestra Sinfônica UFRJ

OSN UFF Orquestra Sinfônica Nacional

Academia Brasileira de Música

Governo do Rio de Janeiro
Secretaria de Cultura
Perto de você

FUNARJ

Sala Cecília Meireles

ingresso rápido

Fundação Nacional de Artes
funarte

Ministério da Cultura

Brasil
Governo Federal

2017_0035